

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

LÝVIA LORENA DE SOUZA DANTAS

**DISCURSO RACISTA PERPASSADO ATRAVÉS DO HUMOR EM VÍDEOS DO
*YOUTUBE***

PATU
2018

LÝVIA LORENA DE SOUZA DANTAS

**DISCURSO RACISTA PERPASSADO ATRAVÉS DO HUMOR EM VÍDEOS DO
*YOUTUBE***

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, *Campus* Avançado de Patu-CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras- Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a. Ma. Luciana Fernandes Nery

PATU- RN

2018

LÝVIA LORENA DE SOUZA DANTAS

**DISCURSO RACISTA PERPASSADO ATRAVÉS DO HUMOR EM VÍDEOS DO
YOUTUBE**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus Avançado* de Patu - CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a. Ma. Luciana Fernandes Nery

Aprovado em ___/___/___.

Banca Examinadora

Profa. Ma. Luciana Fernandes Nery- Orientadora
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN

Prof. Dr. Ananias Agostinho da Silva- Examinador 1
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Profa. Ma. Maria Leidiana Alves – Examinador 2
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

D192d Dantas, Lyvia Lorena de Souza
DISCURSO RACISTA PERPASSADO ATRAVÉS DO
HUMOR EM VÍDEOS DO YOUTUBE. / Lyvia Lorena de
Souza Dantas. - Patu RN, 2018.
53p.

Orientador(a): Profa. M^a. Luciana Fernandes Nery.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Discurso humorístico. 2. Discurso Racista. 3.
Identidade. 4. Estereótipos. 5. Piadas. I. Nery, Luciana
Fernandes. II. Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte. III. Título.

Sou grata a Deus, que me ajudou em cada etapa desse trabalho e não me deixou desistir. Dedico este trabalho à minha família, principalmente à minha avó, Maria do Carmo, e aos amigos que sempre estiveram presentes, direta ou indiretamente, em todos os momentos de minha formação. Dedico também, à minha prima Mara Estela (*in memoriam*), que sempre me incentivou a estudar e continua sendo motivo de inspiração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por minha vida, família e amigos.

A esta universidade, pela oportunidade de fazer o curso e pelo ambiente amigável que a instituição proporciona.

A todos os professores que colaboraram de alguma forma para a minha graduação, em especial, à professora mestre Luciana Fernandes Nery pela oportunidade e orientação na elaboração deste trabalho e aos professores Ananias e Leidiana pela disponibilidade de ler a minha pesquisa e participar desse momento.

À minha família, pelo apoio, e aos meus amigos, pelo incentivo em momentos difíceis.

Meus agradecimentos aos colegas e amigos Aristóteles, Fabrícia, Thâmara, Felícia e Débora, amigos que fiz no início da graduação e que fizeram parte da minha formação, e que, com certeza, irão continuar presentes em minha vida.

Ninguém nasce odiando o outro pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar.

Nelson Mandela (2012)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Vídeo Gui Preto: Sobre Racismo	35
Figura 2 - Vídeo “Polícia e Racismo”	37
Figura 3– Vídeo “Racismo”	40
Figura 4 – Vídeo “Pantera Negra”	42
Figura 5 – Comentários no vídeo “Sobre Racismo”	45
Figuras 6 – Comentários que refletem a autoridade do negro para fazer piada racista	46
Figura 7 - Comentários sobre racismo no vídeo “Pantera Negra”	47

RESUMO

A presente pesquisa tem como intuito analisar o discurso racista perpassado através do humor por comediantes em vídeos do *YouTube* e mostrar como os internautas reagem através dos comentários nas postagens dos vídeos. Nesse sentido, buscamos estudar como o racismo é construído através do humor, levando em consideração os estereótipos que são representados nas piadas como fonte de discriminação, além de considerar as mídias como um dos maiores meios de propagação de preconceito. Para tanto, utilizamos como arcabouço teórico, os estudos em análise do discurso, nas concepções de linha francesa, em Foucault (2008), como também, Orlandi (2002), Fernandes (2007). Fiorin (1990) e Gregolin (1995). O *corpus* analisado é composto por (4) quatro vídeos do *YouTube*, de dois canais diferentes, com dois humoristas negros fazendo as piadas. Partindo deste princípio, entendemos como é necessário e relevante compreender os discursos preconceituosos mascarados através do humor como uma nova forma de discernir e disseminar preconceito, em que os enunciados e o riso refletem o racismo que ecoa desde os antepassados. Desta forma, este trabalho permitiu compreender que os discursos humorísticos são repletos de estereótipos que contribuem para a propagação do racismo, tendo em conta o humor como um suporte tanto para contar piadas, quanto para transmitir preconceito. Considerando estas argumentações acerca do assunto exposto, destacamos que as práticas racistas descritas pelos humoristas Gui Preto e Dave Chappelle apresentadas nos vídeos analisados refletem o cotidiano vivido pelo negro, mas que também é uma forma de fazer racismo, pois as piadas são repletas de estereótipos que são usados para discriminar os indivíduos.

Palavras-chave: Discurso Humorístico. Discurso Racista. Identidade. Estereótipos. Piadas.

ABSTRACT

This research aims to analyze the racist discourse through humor by comedians on YouTube videos and show how Internet users react by comments on video posts. In this sense, it was searched study how racism is built through humor, taking into account the stereotypes that are represented in the jokes as the main source of discrimination, besides considering the media the greatest ways of propagation of prejudice. So, we use as theoretical framework, the studies in discourse analysis, in the French line conceptions, in Foucault (2008), as well as, Orlandi (2002), Fernandes (2007). Fiorin (1990) and Gregolin (1995). The *corpus* analyzed consists of (4) four YouTube videos, of two different channels, with two black comedians making the jokes. Based on this principle, we understand how necessary and relevant it is to understand biased discourses masked through humor as a new way of disseminating prejudice, in which statements and laughter reflect racism that echoes from the ancestors. Thus, this work has allowed to understand that humorous discourses are full of stereotypes that contribute to the spread of racism, taking into account humor as a support both to tell jokes, and to convey prejudice. Considering these arguments about the subject matter, we emphasize that the racist practices described by comedians GuiPreto and Dave Chappelle presented in the analyzed videos reflect the daily life lived by the black, but it is also a way to make racism, because the jokes are full of stereotypes that are used to discriminate people.

KEYWORDS: Humorous Discourse. Racist Discourse. Identity. Stereotypes. Jokes.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
CAPÍTULO I - DISCURSO E HUMOR: O RACISMO ENTRELAÇADO NAS PIADAS	15
1.1 Uma retrospectiva dos conceitos teóricos da Análise do Discurso	15
1.2 Mídia e <i>YouTube</i> : os novos meios de comunicação	19
1.3 A construção da identidade na contemporaneidade	22
1.4 O humor com estereótipos: rir é mesmo o melhor remédio?	25
1.5 Discurso e Racismo: a normatização do preconceito	29
CAPÍTULO II – UMA ANÁLISE DOS ESTEREÓTIPOS REFLETIDOS NO DISCURSO HUMORÍSTICO ATRAVÉS DO <i>YOUTUBE</i>.....	34
2.1 Os estereótipos propagados nas piadas.....	34
2.2 O racismo reverso em ação: uma análise do filme “Pantera Negra”	41
2.3 Humor e preconceito: divergências de opiniões.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	51

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O discurso racista, muitas vezes com tom humorístico é utilizado por pessoas que usam expressões politicamente incorretas a fim de arrancar gargalhadas do público. Como novidade e com a liberdade que os humoristas têm, o famoso *stand up* vem ganhando grande notoriedade, não apenas por ser algo novo, mas também por ser carregado de discursos preconceituosos, em que os comediantes fazem observações do cotidiano e trazem para o *show* em forma de humor. Para muitos comediantes, não existe limites para o humor, pois estes defendem que têm o direito à liberdade de expressão e, com isso, podem falar o que quiser, mesmo que isso afete outras pessoas.

Esse tipo de discurso está em bastante evidência, pois com a expansão do entretenimento (como o *stand up*) e com debates em redes sociais que são gerados por piadas polêmicas, há quem apoie e não se importe com o fato de isso incomodar algumas pessoas. Nas redes sociais, especificamente em comentários no *YouTube*, percebemos que os internautas defendem diferentes pontos de vista em relação aos tipos de piadas que são contadas. Alguns argumentam que não há limites para o humor, já outros, dizem que esse tipo de humor é ofensivo.

A Constituição da República Federal do Brasil, de 1988, assegura a qualquer indivíduo o direito à liberdade de expressão. Conforme o artigo 5º “(...) a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”, o inciso IV do art. 5º “é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”, e no inciso IX do art. 5º “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”. Porém, essa liberdade não é um direito absoluto, pois não pode ferir o direito de outras pessoas, o que ocorre quando há discriminação, incita a violência contra minorias e quando a dignidade humana é ferida. Ainda no Art. 5º da Constituição Federal, no inciso XLII “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei”. Apesar do racismo ser crime, ainda percebemos que essa prática é comum, seja através de piadas ou discriminações sociais.

O racismo é uma realidade em nossa sociedade desde os antepassados e, atualmente, muitas vezes está disfarçado no humor. Dessa forma, abordar os

problemas que o uso de piadas com teor racista pode provocar no indivíduo é de grande importância para que a sociedade e os comediantes tenham a consciência de que o discurso racista pode acarretar, à vítima, a sensação de estar sendo ridicularizado e menosprezado com os estereótipos impostos pela população. Embora todos tenham o direito à liberdade de expressão, vale ressaltar que discursos que contêm preconceito é crime, portanto, deve haver uma reflexão a respeito das piadas estereotipadas em que o negro é vítima de racismo. Nessa perspectiva, diante da realidade apresentada, percebe-se a necessidade de abordar o discurso racista revelado por humoristas.

Desta forma, surgiu o interesse em estudar a relação entre o discurso humorístico e o discurso racista, tendo em vista as formas que os estereótipos são propagados e representados nas piadas, nas quais os humoristas trazem relatos de acontecimentos diários, em que passaram por situações racistas e decidiram compartilhar em forma de humor, revelando os estereótipos atribuídos ao negro. Observam-se duas vertentes nesses discursos: o humor como forma de expressão e a propagação das piadas racistas. Portanto, diante deste cenário, indaga-se: o discurso racista é encoberto pelo humor? Os estereótipos retratados nas piadas propagam racismo? Qual a reação do público em relação ao discurso racista nas mídias do *YouTube*?

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo geral: investigar o discurso racista perpassado através do humor por comediantes em vídeos do *YouTube* e mostrar a reação do público através dos comentários. Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: analisar vídeos que contêm piadas com teor racista; verificar os estereótipos raciais que são refletidos nos discursos e observar como o público reage as piadas dos vídeos através dos comentários no *YouTube*.

Assim, a presente pesquisa apresenta natureza descritiva e interpretativa, considerando que esse tipo de pesquisa ocorre “quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52). A mesma se constrói através da coleta de vídeos do *YouTube*, nos canais Gui Preto e CervejaChoca. Esse estudo configura-se com cunho qualitativo, pois, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70), “na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de

um trabalho mais intensivo de campo”. Ainda de acordo com Prodanov e Freitas (2013), os dados coletados são descritivos, em que retratam todos os componentes que foram possíveis observar no estudo. Na coleta do *corpus*, utilizamos quatro vídeos do *YouTube*, nos canais “Gui Preto” e “CervejaChoca”, fazendo uma descrição do *show* e transcrevendo parte das falas dos humoristas, mostrando que as piadas contidas nesses vídeos manifestam os discursos sociais encobertos pela ferramenta de humor, mostrando o quanto a sociedade tem raízes no pensamento racista, que atribui significações depreciativas no discurso humorístico, revelando o preconceito que é perpassado através dos estereótipos nas piadas. Para isso, dividimos o trabalho em dois capítulos que serão descritos a seguir.

O capítulo I, com o título “*Discurso e humor: o racismo entrelaçado nas piadas*” apresenta a fundamentação teórica de autores como Fernandes (2007), Gregolin (1995), Orlandi (2002), Fiorin (1990) e Foucault (2008) para falarmos sobre a Análise do Discurso. Sobre mídias, nos calcamos em Souza e Giglio (2015) e Mello e Gregolin (2014). Para falarmos sobre identidade, nos embasamos em Hall (2006) e Souza (2007). Sobre o discurso humorístico, temos embasamentos de Possenti (2010), Pagliosa (2005) e Fonseca (2012). Já para tratar o discurso preconceituoso e racista, buscamos aporte teórico em Dahia (2008), Freitas e Castro (2013), Campos (2017) e Pinto e Ferreira (2014).

No capítulo II, intitulado “*Uma análise dos estereótipos refletidos no discurso humorístico através do YouTube*”, analisamos o discurso racista que é estereotipado na piada, observando como os comediantes as formulam e por que essa prática se tornou um instrumento de fazer humor. Em seguida, observamos a reação do público que assiste aos vídeos do *YouTube* e deixam seus comentários, apresentando lados opostos quanto às opiniões expostas na plataforma. Por fim, apresentamos nossas considerações e a possibilidade desta pesquisa contribuir para a formação acadêmica e profissional do pesquisador, assim como de outras pessoas que possam se interessar pelo tema.

Posto isto, esta pesquisa possibilita contribuir para a construção de um arcabouço teórico para futuros trabalhos que abordem a questão de como o discurso racista está inserido no discurso humorístico e, assim, possa fomentar debates acerca desta temática. Também poderá contribuir para conscientizar as pessoas a respeito dos discursos preconceituosos que discriminam pessoas, como também para a sociedade ter um olhar mais crítico, tendo em vista as relações sociais.

CAPÍTULO I - DISCURSO E HUMOR: O RACISMO ENTRELAÇADO NAS PIADAS

1.1 Uma retrospectiva dos conceitos teóricos da Análise do Discurso

Segundo Fernandes (2007), a Análise do Discurso teve início na década de 1960 na França e é marcada por mudanças, caracteriza-se por três épocas diferentes que Michel Pêcheux (1990) classifica como AD1, AD2 e AD3, mas que não representam apenas uma divisão cronológica, já que refletem como os conceitos foram elaborados. Na primeira época da AD, foi considerada a noção de maquinaria discursiva, a ideia de que o discurso é fechado e de que o sujeito é detentor do próprio discurso. Na AD2, a questão do discurso homogêneo já é questionada e são apresentadas as noções de formação discursiva e de interdiscurso, mas ainda permanece a ideia de sujeito discursivo da AD1. Já a AD3 desconsidera a noção de maquinaria discursiva fechada e a homogeneidade da produção do discurso da AD1, em que passa a considerar a heterogeneidade.

Consoante Fernandes (2007), o discurso é uma palavra usada no cotidiano para fazer referência a discursos políticos ou textos que mostram eloquência e palavras cultas. Mas, na disciplina de Análise do Discurso, o elemento estudado afasta-se das concepções populares. Fernandes (2007, p. 12) destaca que o “discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguísticas”, ou seja, os fatores sociais e ideológicos são relevantes para a construção do discurso. Quando dois sujeitos discutem sobre um determinado assunto, o lugar sócio-ideológico de cada um é revelado, é transmitido pela linguagem. Sendo assim, percebe-se que para o discurso existir, é necessária a aquisição de linguagem e dos aspectos exteriores. Dessa forma, o autor destaca:

Para falarmos em discurso, precisamos considerar os elementos que têm existência no social, as ideologias, a História. Com isso, podemos afirmar que os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana. (FERNANDES, 2007, p. 13).

Percebemos que os discursos estão em constantes transformações, dependendo do contexto em que estão inseridos, estes são instáveis e, por isso, se modificam de acordo com as mudanças na sociedade e na política. O discurso abrange vários elementos que acontecem a sua volta para que seja construído, por

isso, está sempre mudando, pois são formados a partir do contexto e das condições sócio-históricas e ideológicas. Dialogando com Orlandi (2002, p. 15), “o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”, notamos que o discurso está sempre mudado.

Conforme Fernandes (2007), para analisar o discurso é necessário interpretar os sujeitos falando e levar em consideração como os sentidos são produzidos em suas atividades sociais. O discurso é produzido através da ideologia e concretizado pela linguagem em formato de texto ou imagens. Ao falar em produção de sentidos, percebe-se que no discurso, os sentidos das palavras mudam, pois estes são construídos a partir dos lugares em que os interlocutores estão, como também, uma palavra pode ter diferentes sentidos de acordo com o lugar sócio-ideológico do locutor. O discurso é o efeito de sentido entre os interlocutores e o texto é a materialidade.

Sendo assim, tendo em vista a formação de sentido descrita acima, para entender a noção de formação discursiva, Orlandi (2002, p. 43) diz que “permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso”, ou seja, é possível estudar como se dá a formação de sentidos e fazer uma ligação com a ideologia. Para Foucault (2008), a formação discursiva trata da correlação entre objetos, tipos de enunciação, formação dos conceitos e dos temas, que devem estar em posições, funcionamento e transformações em constância. A partir da observação de enunciados em descontinuidades, o autor observou que é importante estudar as divergências e as irregularidades entre eles, pois abrange um campo de teorias sobre determinado discurso. Sendo assim, a formação discursiva é definida a partir das condições sócio-históricas em que se estabelecem.

Com vistas ao exposto acerca do conceito de formação discursiva, entendemos a oportunidade de falar sobre memória discursiva, que, segundo Fernandes (2007), é um espaço da memória em conjunto com o funcionamento discursivo, que forma uma estrutura sócio-histórico-cultural em que os discursos manifestam uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. Isso porque a variedade de discursos pressupõe que há diferentes grupos sociais, mas que isso não implica que eles são iguais. Para esclarecer isso, Fernandes (2007, p. 43) diz que “um discurso engloba a coletividade dos sujeitos que compartilham aspectos

socioculturais e ideológicos, e mantém-se em contraposição a outros discursos”, o que trata de acontecimentos que são exteriores e anteriores ao texto, além da interdiscursividade, fazendo com que reflitam formas que influenciam na construção dos discursos.

Orlandi (2002) afirma que a Análise de Discurso compreende que a linguagem é fundamental na mediação entre o ser humano e a realidade social, isto é, o discurso possibilita que o homem e a realidade na qual ele está inserido, permaneçam, desloquem e se transformem. Por isso, observa-se que a Análise de Discurso lida com a língua no mundo e com modos de representar, além de considerar como os sentidos são produzidos pelos sujeitos ou participantes de determinada sociedade. Devem-se considerar as condições de produção da linguagem e os seus procedimentos, analisando a relação dos sujeitos que falam a língua e as situações em que o dizer é produzido. Assim, o analista de discurso faz uma ligação entre a linguagem e a exterioridade para que possa achar as regularidades na produção discursiva. Desta forma,

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2002, p. 17).

Em consonância com a citação, percebemos que discurso e ideologia são indissociáveis, pois estes precisam um do outro para se completar e dá sentido à língua. O discurso é a exteriorização da ideologia e a materialidade do discurso é a língua, por isso, essa relação é estudada pela Análise do Discurso, pois para que o discurso tenha significado, é necessário uma ideologia. Orlandi (2002) complementa que para observar a relação entre língua e ideologia é necessário analisar o discurso do indivíduo, para que assim, compreenda-se como a língua produz seus sentidos. Sendo assim, a AD não entende o discurso como algo apenas para transferir informações, estas não são apenas mensagens que precisam ser decodificadas, mas sim, os sentidos que são formados entre os sujeitos. É um processo que envolve a identificação do sujeito, de argumentação, subjetividade e construção da realidade, sendo as relações de linguagem ligações de sujeitos e de sentidos, tendo vários efeitos.

Como afirma Gregolin (1995), na Análise do Discurso, procura-se entender e esclarecer como o sentido de um texto é construído e como a sociedade o produz e associa com a história, sendo o discurso considerado um objeto histórico, além de linguístico. Por isso, para entendê-lo é necessário analisar a história e a linguística simultaneamente. Gregolin (1995, p.17) diz que “através da Análise do Discurso é possível realizarmos uma análise interna (o que este texto diz, como ele diz?) e uma análise externa (por que este texto diz o que ele diz?)”, isto é, ao explorarmos um discurso, podemos observar como ocorre a ligação com a situação em que foi criado, o que permite relacionar o campo da língua com a história e a ideologia. Para Gregolin (1995), o discurso faz parte de como a ideologia é materializada e, por esse motivo, seu sentido só será entendido por um indivíduo se a sua formação discursiva for reconhecida pelo sujeito. Desta forma,

O discurso deve ser visto como objeto linguístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam. Esses dois pontos de vista não são excludentes nem metodologicamente heterogêneos. A pesquisa hoje precisa aprofundar o conhecimento dos mecanismos sintáticos e semânticos geradores de sentido; de outro, necessita compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos. (FIORIN, 1990, p.176).

Nota-se que é importante estudar o discurso levando em consideração a linguística e a história, além dos mecanismos que produzem sentido e estruturam o discurso, como também os fatores sociais e emocionais. É necessário explorar o estudo da sintaxe e da semântica que geram sentidos, do mesmo modo, é preciso compreender que o discurso faz parte da cultura, provocado por imposições históricas. Desta forma, Fiorin (1990) detalha essas duas tendências e diz que em relação à sintaxe no discurso. Há dois problemas que precisam ser mais apurados, que são as construções da enunciação no enunciado e o vínculo entre enunciador e enunciatário presente no texto. Para Fiorin (1990, p. 179), “a análise do discurso deverá ver o discurso em toda a sua complexidade, objeto linguístico e cultural”, sem esquecer-se da sintaxe e da semântica do discurso, pois o seu sentido é formado por elas. O autor ainda ressalta que num seguimento histórico, há sempre um discurso por trás de outro discurso.

Mediante o exposto e considerando que a Análise do Discurso considera os discursos de acordo com seu prisma sociolinguístico e histórico, o tópico a seguir tratará da globalização das mídias e os meios de comunicação na sociedade envolvendo os sujeitos sociais.

1.2 Mídia e *YouTube*: os novos meios de comunicação

Segundo Souza e Giglio (2015), mídia digital, conhecimento e rede são três elementos que estão articulados. Sendo assim, com a chegada da *internet* e a facilidade de informações, o conhecimento sobre diversos assuntos está fazendo com que a sociedade contemporânea fique hegemônica. O avanço das mídias digitais vem crescendo e com o surgimento das redes sociais que facilita a troca de informações com o acesso a comunicação de maneira rápida, surgiu um movimento internacional que pressiona governos e estes nada podem fazer, pois é praticamente impossível censurar ou tentar controlar.

Assim, Souza e Giglio (2015, p.16) afirmam que “vive-se um momento de transição nas tecnologias de comunicação. Entrando-se na era digital, da multimídia, da união e articulação dos mais variados meios de comunicação”. Percebe-se que as tecnologias estão em grande ascendência, o que faz com que tenhamos várias formas de nos comunicarmos de maneira rápida e fácil. Os serviços de informática permitem a divulgação das multimídias, articulando textos, sons e imagens, agregando serviços tecnológicos, como informática, televisão e telefonia, tornando a sociedade midiática.

Ainda conforme os autores, a globalização permite fortalecer as relações sociais mundialmente, ligando lugares distantes que permitem que episódios locais sejam construídos por eventos que ocorrem à distância. As informações ocorrem de forma imediata, de maneira que um brasileiro pode ter acesso a um acontecimento que ocorreu no Irã primeiro que muitos iranianos. Além disso, com o advento das tecnologias e mídias, pode-se acabar com estereótipos de culturas e territórios, mostrando os valores positivos dessas regiões, permitindo que a sociedade adquira conhecimentos sem que haja a influência de outras pessoas.

Pode-se dizer também, que o ambiente cibernético do terceiro milênio, que já se manifesta nos dias atuais, é pródigo para o desenvolvimento da criatividade humana. As novas tecnologias de

comunicação, as mídias digitais cada vez mais interativas, mais dialógicas, mais segmentadas, podem propiciar a criação de muitas alternativas, de muitos projetos e programas virtuais que podem auxiliar na vida real e cotidiana do futuro próximo. (SOUZA; GIGLIO, 2015, p. 17).

Percebemos que o poder que a mídia tem na sociedade é muito grande e, com isso, podemos elencar qualidades que a tecnologia proporciona, como, por exemplo, a facilidade para comunicar-se, programas virtuais que ajudam na vida real, divulgação e geração de renda. Mas, também podemos destacar o lado ruim: com toda essa facilidade de comunicação, muitas pessoas se aproveitam para disseminar ódio através de discursos preconceituosos e opressores nas redes sociais, além de que as pessoas se aproveitam para praticar golpes virtuais.

Ainda de acordo com Souza e Giglio (2015, p. 21), as redes sociais são “formas de organização humana e de articulação entre grupos e instituições”, são redes ligadas com o desenvolvimento de comunicações e redes físicas. As redes sociais utilizam dos serviços que as tecnologias oferecem, como a troca de informações que permite fortalecer a conquista de espaço na sociedade e no mercado. Assim,

Pode-se dizer que mídia (...) designa os meios, ou conjunto de meios de comunicação. É a grafia aportuguesada da palavra *media*, conforme pronunciada no inglês. *Media* é o plural de *medium*, palavra latina que significa “meio” (RABAÇA, BARBOSA, 1987 *apud* SOUZA; GIGLIO, 2015, p. 26).

Nesta perspectiva, percebemos que o termo *mídia* é referência ao falarmos de meios de comunicação, sendo assim, a palavra é associada à televisão, internet, rádios e jornais. Mas, vale salientar que, recentemente, o termo é visto como algo mais acentuado, que vai além das referências aos meios de comunicações e informações. “No sentido técnico, o termo mídia digital em oposição a mídia analógica, refere-se a mídia eletrônica que trabalha com *codecs* digitais” (SOUZA; GIGLIO, 2015, p.26), ou seja, a mídia digital são os meios de comunicação que fazem uso de tecnologia digital, que são computadores, celulares, televisão digital, jogos eletrônicos e vários outros aparelhos digitais.

Segundo Mello e Gregolin (2014), as mídias tradicionais (rádio, televisão e mídia impressa) possuem uma grande influência na sociedade, mas, atualmente, com o advento das expressões conhecidas como *modernidade líquida* e *pós-*

modernidade (expressões que indicam mudanças e imediatismo), “nota-se uma crescente e incessante utilização das novas mídias para a veiculação de certos enunciados (e discursos) e seus efeitos de sentido, contribuindo tanto para o delineamento do pensamento coletivo, quanto para a sugestão à formação cultural dos sujeitos.” (MELLO; GREGOLIN, 2014, p. 02). Posto isto, percebemos que com a utilização das novas mídias, os enunciados, que geram os efeitos de sentido, fazem com que o pensamento coletivo e a formação cultural da sociedade sejam construídos a partir da transmissão dos enunciados e discursos que são lançados nas mídias, que podem ser transmitidos por meio da plataforma *YouTube*.

De acordo com Mello e Gregolin (2014), o *YouTube* constitui um espaço hegemônico que compartilha vídeos em uma escala global. O *YouTube*, originado em 2005 pelos americanos Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, era uma plataforma comum que proporcionava a criação de vídeos e tinha a opção de serem compartilhados. Porém, recentemente, “sob poder do *Google* com o *slogan Broadcast yourself* que, traduzido ao português, seria algo como “transmita-se”, quase um imperativo, as práticas neste espaço mudaram, tornando-se uma plataforma também de expressão pessoal” (MELLO; GREGOLIN, 2014, p. 06), o *YouTube* se transformou em um palco onde as pessoas falam sobre suas vidas e costumes. Jean Burgess e Joshua Green (2009 *apud* MELLO; GREGOLIN, 2014, p.06) destacam o *YouTube* como:

Um objeto de estudo particularmente instável, marcado por mudanças dinâmicas (tanto em termos de vídeos como de organização), diversidade de conteúdos (que caminha em um ritmo diferente do televisivo mas que, da mesma maneira, escoia por meio do serviço e, às vezes, desaparece de vista) e uma frequência cotidiana análoga, ou mesmice. (JEAN BURGUESS; JOSHUA GREEN, 2009 *apud* MELLO; GREGOLIN, 2014, p. 06).

Percebe-se que o *YouTube* é uma plataforma que está em constante mudança, sempre renovando e diversificando seus conteúdos e ferramentas. Os vídeos publicados no *site* trazem uma variedade de informações, histórias, músicas, vídeo-aulas, vídeos sobre qualquer tipo de conteúdo que você deseja encontrar. A televisão não tem esse mesmo padrão diversificado de conteúdo, mas, tanto o conteúdo de um quanto o outro pode desaparecer de vista.

O termo *YouTube* vem do inglês e significa “você transmite” ou “canal feito por você”, o que reflete bem como o *site* funciona, em que os usuários criam o seu próprio canal e compartilham seus vídeos, que ficam disponíveis para qualquer pessoa assistir, além de poder deixar comentários abaixo do vídeo. A plataforma possui uma incontável quantidade de filmes, videoclipes e vídeos gravados ao vivo, além de permitir que vídeos caseiros se tornem conhecidos e pessoas anônimas saiam do anonimato e impulsionem uma carreira artística, os conhecidos *youtubers*. Sendo assim, o *YouTube* é uma rede que mostra o que as pessoas gostam de fazer e assistir, em que reflete o contexto social e político da sociedade.

Considerando a variedade apresentada pela mídia com infinitos assuntos abordados e fazendo uma ligação com o cotidiano, percebemos uma relação das mídias com a construção e reprodução de identidades, que será exposta no próximo tópico.

1.3 A construção da identidade na contemporaneidade

Segundo Hall (2006) está sendo discutida na teoria social a questão de identidade, pois se acredita que as velhas identidades estão desaparecendo e estão surgindo novas, fracionando o indivíduo da atualidade, antigamente era visto como sujeito unificado, ou seja, de apenas uma identidade. Observa-se que “a crise da identidade” está associada com a mudança que o mundo está passando, causando modificações na questão da identidade, pois, tendo em vista as referências que eram dadas aos sujeitos antigamente, atualmente estão estáveis na sociedade. Hall (2006) afirma que “as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas.” (HALL, 2006, p. 08). Assim, devido ao fato de que as referências que eram dadas aos sujeitos estão variando no mundo moderno, as identidades estão sendo construídas de forma fragmentada. Isto posto, Hall (2006, p. 09) afirma que “um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX”, ou seja, essa mudança está dividindo a identidade que antigamente era fixa na sociedade, como por exemplo, as questões de sexualidade, raça e etnia. Tendo em vista essa transfiguração do mundo antigo para o moderno, é provocada uma descentralização no sujeito, fazendo com que o indivíduo não compreenda sua identidade. Diante disso,

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quando de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2006, p. 09)

Nessa perspectiva, percebemos que pelo fato da sociedade está em mudança, as identidades também estão sendo transformadas e causando uma confusão nos sujeitos, de modo que, muitas vezes, o conceito de si mesmo não está sendo compreendido. Ocorre um deslocamento ou descentração do sujeito, ou seja, o indivíduo apresenta uma “crise de identidade” e o sentido de si não é compreendido, como diz Hall (2006).

Para explicar as mudanças que ocorrem na modernidade, Hall (2006) apresenta três concepções de identidade, relacionado com: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O primeiro considera que o indivíduo é centralizado e composto por capacidades de razão, consciência e ação desde o seu nascimento, mas que, apesar de se desenvolver, continua com a mesma essência e não muda ao longo de sua vivência. O sujeito sociológico, diferentemente do primeiro, diz que o sujeito não tem independência suficiente para formara identidade sozinho e, por isso, é formado a partir de relações com outras pessoas, em que o indivíduo adquire os valores e sentidos, resultados do convívio com a sociedade.

Apesar de o sujeito ter sua essência interior, este é construído e modificado de acordo com as relações exteriores e identidades construídas. O sujeito pós-moderno apresenta características diferentes do sujeito iluminista, pois adquire várias identidades e faz com que não sejam mais estáveis, mas sim, fragmentadas, visto que podem ser contraditórias ou não resolvidas. O indivíduo constrói várias identidades e em momentos diferentes, além de serem contraditórias, de tal forma que as identificações são deslocadas. Sendo assim, Hall (2006, p. 38-39) afirma:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (...) A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas

através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. (HALL, 2006, p. 38-39).

Percebe-se que nossa identidade é construída em meio ao exterior, ou seja, conforme idealizamos como os outros nos veem, pois há uma falta de integridade nos indivíduos que os faz buscar um preenchimento em si próprio mediante a opinião de outras pessoas, por isso, nossa identidade é formada por meio do convívio em sociedade, que é onde nós a formamos a cada dia.

Souza (2007) diz que a nossa identidade cultural, que são as crenças, língua, costumes e valores possibilita que vivamos em sociedade e desempenhemos nossos papéis sociais. O fato de vivermos em contínuas transformações faz com que não tenhamos uma precisão ao definirmos nossa identidade, que é composta pelas fases que o ser humano passa, que vai desde a infância até a velhice, pois, nessas fases, realizamos tarefas distintas, determinadas pelo vínculo com nossas famílias e pessoas próximas, influenciando em nossas ações e formas de pensar, o que faz com que a nossa identidade esteja sempre em construção. Diante disso, Souza (2007, p. 80) elenca características importantes para essa formação:

Paralelamente aos nossos papéis sociais, estão os estereótipos sociais que interferem diretamente nas ações que praticamos, pois através delas somos incorporados e/ou submetidos a determinados grupos, com passe em características típicas e delimitadoras que, inevitavelmente, servirão de base para compor a nossa identidade. São essas características que fornecem “dados” para distinguir, por exemplo, os integrantes das classes que compõem a pirâmide social: classe baixa, classe média e classe alta. Desse modo, verificamos o quanto os estereótipos estão vinculados a dominação e ao poder convencionados pela estrutura social a que pertencemos. (SOUZA, 2007, p. 80).

Neste caso, percebemos que nossas identidades são baseadas nos estereótipos sociais, que se formam a partir das características estabelecidas pela sociedade e, por isso, somos direcionados a grupos que possuem aspectos iguais ou parecidos aos nossos, que são representados pela pirâmide social dividida em classe baixa, média e alta. Sendo assim, notamos que os estereótipos têm o poder de estabelecer a que classe pertencemos, pois, é a partir deles que somos submetidos a conviver com grupos que aparentam ter a mesma estrutura social.

Segundo Souza (2007), os estereótipos sociais trazem conceitos sobre indivíduos ou grupos, que fazem parte de discursos preconceituosos estabelecidos

na sociedade, por isso, a construção da identidade tem relação com os estereótipos, pois essa formação é concebida através de julgamentos que nós mesmos fazemos aos outros e que os outros nos fazem enquanto indivíduo ou grupo. Pereira (2012, p. 88 *apud* SOUZA, 2007, p. 82) afirma que o preconceito e a discriminação são baseados nos estereótipos e estabelecem diferenças entre esses dois conceitos. A discriminação se dá em situações em que há uma diferenciação no tratamento a alguma pessoa em decorrência de algum “defeito” desse indivíduo. Já o preconceito é constituído por ideias genéricas a dados grupos. Os estereótipos se afirmam no preconceito e na discriminação, principalmente em relação à comunicação em massa, o que auxilia na formação de estereótipos que são compartilhados de forma geral. Atendo a isto, a próxima discussão vai abordar questões no que se refere aos estereótipos contidos nas piadas, tendo em vista que muitas vezes são construídas a partir de características que a sociedade estabelece como “defeito” e ridiculariza o ser humano, o que gera o riso do público.

1.4 O humor com estereótipos: rir é mesmo o melhor remédio?

Segundo Possenti (2010), nos últimos anos, houve um aumento nos estudos de textos humorísticos em diferentes áreas de pesquisas: História, Psicanálise, Psicologia e Sociologia, além de pesquisas no campo da linguagem. Os textos humorísticos tanto podem falar do dia a dia, como nas “charges” que retratam eventos cotidianos, como também acontecimentos de média duração, por exemplo, quando algum assunto importante está em evidência, tanto um governo, quanto uma personalidade da mídia. Também há as piadas, que independem dos acontecimentos, são imemoriáveis e falam sobre sexualidade, corrupção, preconceito e etc. Possenti (2010) diz que a correlação entre linguagem e história explica o surgimento, a circulação e a interpretação dos textos. Sendo assim, tenta instituir as ligações visíveis entre humor e acontecimento. Diante disso, o autor ressalta que:

Quando os textos humorísticos surgem em torno de acontecimentos “visíveis” que os fazem proliferar, sua interpretação depende, em boa medida, de um saber bastante preciso e relativo a tais acontecimentos; por outro lado, outros tipos de textos humorísticos, que independem, para sua produção, de tais acontecimentos, exigem, para sua interpretação, a mobilização de fatores de outra

natureza e outras ordens de memória, não relacionadas a acontecimentos de curta duração. (POSSENTI, 2010, p. 28).

Consoante com o autor, para entender uma piada que é feita em meio a acontecimentos, é necessário ter um conhecimento sobre o que está acontecendo ao redor. Por exemplo, se a piada é sobre política, é preciso conhecimento sobre aquele assunto para que assim, compreenda e interprete o gênero. Por isso, concordando com o autor, percebemos que o humor e os acontecimentos estão entrelaçados e que a relação entre linguagem e história esclarece a circulação e interpretação do texto. Desta forma, os “textos humorísticos supõem que o leitor perceba algum jogo de linguagem (um duplo sentido, um deslocamento etc.)” (POSSENTI, 2010, p. 28). Logo, para interpretar a piada, a memória é resgatada e relacionada com os costumes e descrições gerais, por isso, o leitor precisa entender o duplo sentido e saber deslocar suas memórias para entender a piada.

Possenti (2010) ainda associa as piadas à identidade, explicando a representação da identidade baseando-se no humor. A identidade construída por um indivíduo a um sujeito pode ser positiva ou negativa, o que é percebido na piada. Além de estudar a ligação do humor com a identidade, é importante explorar que esta é representada nas piadas a partir de estereótipos que agem como forma de manifestação. Para esclarecer isso, Possenti (2010, p. 40) admite que “a identidade é social, imaginária, representada [...], o estereótipo também deve ser concebido como social, imaginário e construído, e se caracteriza por uma redução (com frequência negativa), eventualmente um simulacro.” Sendo assim, percebemos que identidade e estereótipo têm significados parecidos, porém o estereótipo diferencia-se por apontar os defeitos e diminuir o outro. As piadas abordam a identidade estereotipada, tendo em vista que essa forma de fazer humor faz referências a discursos fixados na sociedade.

Segundo Fonseca (2012), o risível é encontrado no que é externo e visível no ser humano, ou seja, no corpo, que provoca o riso quando apresenta algo que as pessoas possam ridicularizar. O riso que tem como objetivo menosprezar alguém é impulsionado para com aqueles que não conhecemos bem e quando o corpo não é de acordo com os padrões pertinentes da sociedade. A prática de rir do outro implica uma superioridade da pessoa que rir sobre o indivíduo que é motivo do riso, o que

ressalta o distanciamento identitário que há entre esses dois sujeitos. O autor faz um esclarecimento sobre o riso na piada:

Em resumo, o riso da piada e de outras expressões satíricas é considerado uma manifestação de verdadeiro trote social. Expressa a marginalização e a segregação de contingentes populacionais e até mesmo de indivíduos que estão fora do padrão hegemônico. Na sociedade brasileira, o riso, nessa perspectiva, transforma-se na mais refinada expressão do etnocentrismo, do racismo, do machismo e da xenofobia contra indivíduos e grupos sociais não ocidentalizados, não participantes do universo masculino e heterossexual, nem os marcadamente caracterizados pela fé católica. (FONSECA, 2012, p. 24).

Atento a este raciocínio, percebemos que o riso manifesta a discriminação de indivíduos que fazem parte da classe “superior”, em que o riso se transforma em uma exteriorização do preconceito com indivíduos e grupos sociais que são marginalizados e estão fora dos padrões impostos pela sociedade, como por exemplo, negros, gays e ateus. Para Fonseca (2012, p. 24), “o riso proveniente da piada transforma-se na expressão privilegiada para as classes e os grupos sociais hegemônicos manifestarem, anunciarem ou denunciarem com jeitinho a sutileza e a marginalização cotidianas (...)”, ou seja, os grupos dominantes evidenciam, no riso, os atos de preconceito que são comuns no dia a dia. Desta forma, a expressão da discriminação na piada e no riso não deve ser compreendida como algo inconsciente, sem intenção, mas sim, como domínio político e cultural.

Para Pagliosa (2005), o riso é estudado há muito tempo por diversas áreas de conhecimento humano, mas, apesar disso, sempre foi cheio de mistérios. Em certas ocasiões, o riso pode ser irônico, hostil, provocante, mas também, pode ser amigável e angelical. Há várias formas para o riso, que independentemente do tempo não muda, além de possuir uma forma ambígua. Suas várias formas e o contraste de um riso alegre e ingênuo com um riso cheio de maldade fazem-no com que seja interessante e sedutor. “As formas para provocar o riso, passam por ludibriar a expectativa do ouvindo, caricaturizar e ironizar, fingir ingenuidade, salientar a pouca inteligência do adversário até ridicularizar os próprios defeitos e os dos semelhantes”, (CÍCERO *apud* PAGLIOSA, 2005, p. 36), isto é, o riso é provocado por uma série de elementos que vão desde a ironia à ridicularização, seja de quem está contando a piada ou sobre outras pessoas. Para que ocorra o humor e o riso – conseqüentemente –, Cícero (*apud* PAGLIOSA, 2005) observou o humor na

oratória e percebeu que é preciso explorar a ambiguidade, os jogos de palavra e valer-se da ironia. Desse modo,

A paixão do riso é uma súbita glória, fruto de alguma superioridade que o ser humano sente ao se comparar com as fraquezas alheias ou a suas próprias em tempos idos. Hobbes insiste ainda em que os homens acham odioso ser motivo de riso visto que os sentimentos de glorificação daquele que ri são carregados de zombaria e desdém. (HOBBS, 1969 *apud* PAGLIOSA, 2005, p. 42).

Logo, percebemos que o ser humano se sente superior ao outro após fazer um contraste com as fraquezas que o outro apresenta, ou até mesmo as fraquezas de si próprio em um dado outro momento. O riso é provocado por essa comparação e, muitas vezes, os indivíduos acham desagradável a sensação de ser o alvo do riso de outrem, pois percebem um ar de superioridade e zombaria. Para Pagliosa (2005), ainda no século XVII, o riso já não era mais visto apenas como motivo de alegria, mas também como uma forma de preservar a saúde, mas que houve uma mudança de percepção e o riso passou até ser algo censurado. Explica-se que esse processo se deu devido “ao crescente grau de exigência dos padrões de autocontrole, típicos do processo civilizador”. (PAGLIOSA, 2005, p. 42).

Hobbes (1969 *apud* PAGLIOSA, 2005) suspeita quando o riso é provocado por razões morais e sociais. Assim, o autor acredita que rir demais significa falta de ânimo, por isso quer dizer que quem ri muito é porque não tem capacidades e para conseguir autoestima precisa prestar atenção nos defeitos do próximo, para que assim, consiga lidar com a insegurança que tem. A busca por defender a paz de qualquer maneira, levou Hobbes a reprovar o riso ao defender suas razões sociais. Diferentemente de Rousseau, Hobbes reprova o riso porque considera que a sociedade é ameaçada, já Rousseau recusa porque as normas sociais são reforçadas.

Notamos que o humor é de grande importância para a sociedade, pois ao convivemos com o cômico, podemos viver em constantes mudanças e nos livrar de problemas que afetam até mesmo a saúde. Se o homem ficar adaptado a aquele meio e não mudar, o corpo e o psicológico tendem a adquirir doenças. Por isso, Pagliosa (2005) ressalta que o riso resulta do cômico e necessita estar em meio à sociedade para que assim haja um equilíbrio.

Para Bergson (1991 *apud* PAGLIOSA, 2005, p. 44), o riso é “a defesa da sociedade contra os excêntricos que se recusam a adequar-se às necessidades da mesma” e reconhece que “a ironia e o humor são formas de sátira”. Portanto, o humor procura apontar os defeitos e zombar de pessoas, situações ou lugares. O autor ainda diferencia ironia e humor, diz que a ironia é naturalmente oratória, já o humor apresenta formas mais científicas. Assim, “o humorista é um moralista disfarçado de sábio [...] e o humor, no estrito sentido em que tomamos a palavra, não é mais que uma transposição do moral para o científico.” (BERGSON, 1991, p. 92 *apud* PAGLIOSA, 2005, p. 45). Sendo assim, percebemos que para fazer humor é preciso mudar a moral para uma forma mais técnica.

Partindo dessas discussões, Fonseca (2012) afirma que o racismo e os estereótipos dos negros nas piadas têm o objetivo de evidenciar as diferenças, criando divergências entre negros e brancos, como também revela a desigualdade socioeconômica e os conceitos de beleza e estética. Diante deste contexto e ciente desta conjuntura de racismo e preconceito que estão presentes no humor, entendemos a importância de abordar a próxima discussão que vai falar sobre o preconceito que advém desde os antepassados e perdura até hoje, em que muitas vezes é disfarçado de humor.

1.5 Discurso e Racismo: a normatização do preconceito

Pinto e Ferreira (2014) ressaltam que desde a colonização do Brasil e a abolição da escravidão existe o preconceito racial. Porém, essa prática é encoberta por leis, governantes e população, que mascaram a realidade até hoje. A desigualdade ainda existente é disfarçada pela questão social que a sociedade não mantém por falta de recursos. O racismo está impregnado em nossa sociedade desde os antepassados, sobrevivendo de geração em geração, perdurando até os dias atuais. A ideologia de que o branco é superior ao negro, advinda de teorias europeias, classifica uma etnia pelo simples fato da cor de sua pele. Ainda hoje, em nosso dia a dia, presenciamos práticas racistas, seja com um amigo, um familiar ou conhecido, além de também encontrarmos essas práticas nas mídias sociais. Neste sentido,

Ao se reportarem à identidade, principalmente à identidade da pessoa negra, é muito comum as pessoas categorizarem os indivíduos quanto às suas características raciais de maneira reducionista, baseando-se exclusivamente na cor da pele – classificando-os em negros ou brancos. (PINTO; FERREIRA, 2014, p. 261).

Sendo assim, percebemos que a identidade do negro é construída a partir da cor da sua pele, muitas vezes, sendo estereotipada e subjugada. Em nossa sociedade, percebemos essa prática tanto em piadas, como em frases intencionalmente preconceituosas. Pinto e Ferreira (2014, p. 261) destacam que “para compreendermos a problemática da pessoa negra, o conhecimento de como ela se constitui no mundo, construindo a sua autoestima, autoimagem e sua maneira de existir, é fundamental que compreendamos a categoria identidade”. Os autores dizem que para discutir identidade, é preciso falar sobre transformação, pois não dá para definir identidade como algo estável, por isso, é importante entendermos o que significa identidade, que a partir daí compreendemos como o indivíduo é construído. Nessa perspectiva, é essencial para compreendermos como a identidade do negro é formada e como é desenvolvida, principalmente nas circunstâncias nas quais a pessoa negra é discriminada.

Segundo Pinto e Ferreira (2014), os estereótipos vêm adquirindo novos significados, em vista que mudam com o tempo e de acordo com as situações econômicas e políticas. “A imagem do negro no Brasil depende de sua posição na sociedade e se mostra impossibilitada de mobilidade e sem força para conquistar um espaço de vantagem que o representasse e modificasse sua imagem no Brasil.” (PINTO; FERREIRA, 2014, p. 262). Sendo assim, percebemos que o negro não consegue ganhar força para ocupar um lugar que favoreça a retratação de sua imagem, pois isso depende de como a imagem está inserida na sociedade. A sua identidade é questionada mediante a cor da sua pele, visto que todas suas outras características são sobrepostas devido ao fato do indivíduo ser negro. “Ele é, antes de tudo, negro.” (PINTO; FERREIRA, 2014, p. 262). Desse modo, o autor visa à dificuldade da construção de uma identidade negra,

As teorias racistas, agregadas à historicidade das relações raciais no Brasil, desenvolveram a perspectiva que prima pela exclusão e trata as diferenças como deficiências, prejudicando a construção de uma identidade baseada na negritude, já que todos sonham desenvolver um dia uma identidade branca, por julgarem-na superior. Por conta

disso, a população negra acaba tendo dificuldades em desenvolver uma identidade que culminaria no engajamento em políticas com o objetivo de melhoria de sua condição social. (PINTO; FERREIRA, 2014, p. 262).

Desta forma, a cor negra é vista como uma deficiência, pois desde os antepassados os negros são discriminados. Tendo em vista que a identidade do negro é menosprezada, sua população sofre ao tentar construir uma identidade que melhore sua vida. Pinto e Ferreira (2014) ressaltam que devido à perseguição racial, o indivíduo acaba negando a sua própria cor e sua própria identidade. Então, essa busca pela identificação recai sobre a ideologia que o branco é melhor que o negro e, por isso, é melhor buscar essa identidade de acordo com a cor mais favorecida.

Campos (2017) investiga como o racismo atua ao analisar as teorias sociológicas, em que três denominações se destacam. Na primeira concepção, o racismo é fixado mediante as ideologias e ideias formadas em que inferiorizam grupos com características específicas. Partindo desse ponto de vista “o adjetivo “racista” só pode ser atrelado a práticas que decorrem de concepções ideológicas do que é raça” (CAMPOS, 2017, p. 01). A segunda concepção é baseada na ideia de que há uma precedência sobre as ações preconceituosas e discriminatórias em que o racismo é refletido, no qual o ato racista é formado por ideologias definidas e, por isso, o que define o racismo não são as ideias, mas sim a ideologia. Na terceira concepção acredita que, atualmente, o racismo tem uma estrutura sistematizada e organizada, que é fundamental ser investigado para entender o racismo, apesar de que também é importante levar em conta as ideologias e as práticas racistas. Nesse sentido,

Entender que ideologias, práticas e estruturas se relacionam pode nos ajudar a lidar com algumas das antinomias suscitadas por cada um dos três enquadramentos específicos. Brevemente, uma abordagem tridimensional pode ajudar a entender: 1) o formato contemporâneo que o racismo vem assumindo; 2) alguns dos problemas relacionados com sua definição conceitual; 3) o estatuto ontológico da noção de raça; 4) parte dos dilemas enfrentados pela luta antirracista. (CAMPOS, 2017, p. 14).

Neste viés, é importante compreender a ligação entre essas três especificidades: ideologias, práticas e estruturas, para podermos lidar com situações de racismo. Campos (2017) destaca as perspectivas acima para que possamos

entender como elas se relacionam e diz que é a partir da estrutura racista que a discriminação é reproduzida, mas que essa estrutura não é independente em relação às práticas e ideologias discriminatórias. No entanto, essas duas dimensões são importantes para o desempenho de suas transformações.

Para Freitas e Castro (2013), o preconceito, juntamente com o discurso de ódio, tem como objetivo desqualificar, humilhar e inferiorizar um sujeito ou grupo social. A pessoa que é considerada “diferente” das demais sofre abusos, é desrespeitada e discriminada de acordo com aquilo que a sociedade julga inferior aos seus costumes, como por exemplo, em virtude da etnia, opção sexual, religião, condição econômica, entre outros. Assim, ocorre a exclusão social e descriminação, assim como o discurso de ódio que é usado para menosprezar essas pessoas. Desse modo,

É possível observar que tal discriminação indica não apenas uma diferença, mas uma assimetria entre duas posições: uma supostamente superior, daquele que expressa o ódio, e outra inferior, daquele contra o qual a rejeição é dirigida. O objetivo pretendido é humilhar para amedrontar pessoas ou grupos sociais evidenciando que, por suas características específicas, eles não são dignos da mesma participação política. (WALDRON, 2010 *apud* FREITAS; CASTRO, 2013, p. 19).

Notamos que a descriminação tem o intuito de oprimir as classes menos favorecidas e excluídas da sociedade, para que assim, o lado opressor sintasse superior e melhor que as demais pessoas. Esse tipo de discurso proporciona humilhação, medo e exclusão das pessoas desfavorecidas na sociedade vigente, que para os preconceituosos, com seus discursos cheios de preconceitos, os indivíduos que se mostram diferentes, seja por raça, etnia, sexualidade ou religião, não merecem participar ativamente na sociedade.

Dahia (2008) faz uma leitura sobre a realidade do racismo no Brasil, em que o riso e a piada sobre racismo legitimam ainda mais essa prática, pois através do discurso humorístico e da risada, o brasileiro encontra um meio para demonstrar o racismo oculto. Devido ao fato de o humor não ser levado a sério, dificilmente uma piada racista poderá levar a uma ação na justiça, pois essa prática não deixa o racismo em explícito e até mesmo quem faz a piada e quem rir dela acredita que o fato de compactuar com o riso sobre piadas racistas, não o define como racista. O uso desse tipo de piada adquiriu um caráter inconstitucional, pois esse tipo de

prática é cotidiano em espaços sociais em que se faz valer o politicamente incorreto, tendo em vista que o tom de brincadeira é usado como disfarce para transmitir frases ofensivas e preconceituosas.

Dahia (2008, p. 698) diz que o uso do tom humorístico “parece ter sido uma saída, historicamente adotada, para o dilema das relações raciais no Brasil”, ou seja, esse ato faz com que a discriminação racial seja aceita. Porém, recentemente, em vista que há um novo cenário político no Brasil, essa questão vem sendo abordada e ganhando visibilidade, em que esse tipo de humor vem se tornando objeto de discussão e em decorrência disso essa prática pode vir a se tornar um fracasso. Seguindo este raciocínio, o próximo capítulo irá descrever de forma mais específica o discurso racista que é mascarado e perpassado nos discursos humorísticos em vídeos do *YouTube*.

CAPÍTULO II – UMA ANÁLISE DOS ESTEREÓTIPOS REFLETIDOS NO DISCURSO HUMORÍSTICO ATRAVÉS DO *YOUTUBE*

Sabe-se que temas polêmicos geram discussões e um assunto tão debatido como o racismo elenca diferentes opiniões, por isso, não cabe escolher um lado e fazer julgamentos sobre os vídeos e comentários a ser analisados. Porém, a observação da divergência de opiniões entre os internautas é de grande importância para respondermos as questões de pesquisa, questionando se o discurso racista é encoberto pelo humor, bem como se os estereótipos retratados nas piadas propagam racismo. Sendo assim, ao refletir sobre os discursos preconceituosos que são apresentados nas piadas, os objetivos da nossa pesquisa são investigar o discurso racista perpassado através do humor por comediantes em vídeos do *YouTube* e mostrar a reação do público através dos comentários, de modo a analisar os vídeos que contêm piadas com teor racista; verificar os estereótipos raciais que são refletidos nos discursos e observar como o público reage as piadas dos vídeos através dos comentários no *YouTube*. Esta pesquisa foi desenvolvida através da observação e análise de vídeos do *YouTube*, mais especificamente nos canais “Gui PRETO” e “CervejaChoca”. Para isso, elencamos três categorias de análise, “os estereótipos refletidos nas piadas”, “o preconceito reverso em ação” e “humor e preconceito: as divergências de opiniões”.

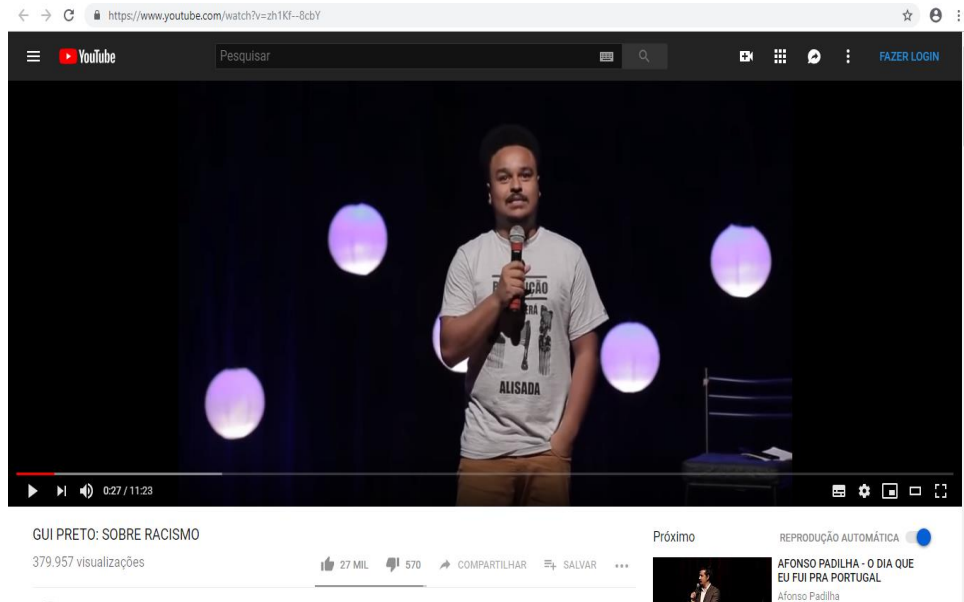
Na primeira categoria de análise, iremos observar o vídeo “Sobre Racismo” que pertence ao canal “Gui Preto” e dois vídeos do canal “CervejaChoca”, o primeiro, “Polícia e Racismo” e o segundo “Racismo”. Na segunda categoria, será analisado o vídeo “Pantera Negra”, do canal “Gui Preto”. Essas duas categorias se diferenciam pelas duas formas de representar o racismo, em que a primeira reflete os estereótipos estabelecidos na sociedade, e, a segunda, descreve o filme “Pantera Negra”, mostrando situações racistas, sendo, o branco, a vítima. Na terceira categoria, faremos uma análise dos comentários dos internautas.

2.1 Os estereótipos propagados nas piadas

O primeiro vídeo analisado “Sobre Racismo”, do canal “Gui Preto”, em um *show de stand up*, reflete diversos tipos de estereótipos que a sociedade emprega ao negro através de um discurso racista. O próprio comediante tem a cor negra e faz

piadas racistas em seu *show*, além de apresentar situações verossímeis, em que ele passa por situações nas quais sofre racismo. Sendo assim, o vídeo contém casos em que o humorista é vítima de situações racistas e ao mesmo tempo faz piadas com ele mesmo e com os negros em geral, trazendo os seguintes episódios:

Figura 1- Vídeo Gui Preto: Sobre Racismo



Fonte: <https://www.youtube.com>

O vídeo possui quase 400 mil visualizações, pertence ao canal “Gui Preto”, que tem 31.280 inscritos e foi publicado em 12 de dezembro de 2017. O humorista inicia o *show* explicando porque usa o nome artístico “Gui Preto”, que é justamente por causa da cor e então pede para apagar a luz, em que fica tudo escuro e diz que é por isso que usa esse nome. O artista continua o espetáculo dizendo que aconteceu algo que ele não esperava: Em um momento que estava no elevador, uma mulher perguntou se a música que ele estava ouvindo nos fones de ouvido era de pagode, então ele respondeu que gosta de metálica e ela disse “*então você não é negro de verdade, você não honra a sua cor*”. A fala da referida mulher evidencia o estereótipo que todo negro gosta de pagode, reforçando a ideia de que devido ao fato da cor da sua pele ser escura, o negro deve gostar apenas desse tipo de música, um estereótipo que é imposto pela sociedade e reflete no cotidiano das pessoas. Isto ocorre porque, para Fernandes (2007), o discurso é formado de acordo com o exterior social e ideológico. Sendo assim, esse discurso estereotipado é construído na sociedade consoante questões exteriores à língua.

Gui Preto prossegue dizendo que realmente não é negro de verdade, negando sua própria identidade, dizendo “*eu sou o negro mais falso que vocês já viram na vida de vocês*” e explica que é porque seu órgão genital não é grande, refletindo mais um estereótipo atribuído ao negro. Ele diz que por ser negro, ouve muitos comentários do tipo “*se eu vejo um negro, num beco, à noite, eu atravesso para o outro lado*”. Então, o comediante diz que fica pensando “*se você vê um negro, à noite, num beco... cara, sua visão é incrível*” e a plateia cai na gargalhada. O comediante continua o espetáculo dizendo que mais de 60% da população negra está presa e os outros 40% estão aguardando o julgamento, trazendo o estereótipo de que o negro é bandido. Gui Preto continua dizendo que a plateia é preconceituosa por ter rido da piada e diz que não é verdade que os 40% estão aguardando o julgamento “*eu tô aqui (...) condicional*”, em que ele faz piada consigo mesmo, devido a sua cor, ressaltando mais uma vez a ideia que o negro é criminoso. Tendo em vista os estereótipos citados, este discurso, conforme Souza (2007) revela os conceitos sobre os indivíduos ou grupos, nos quais o preconceito é estabelecido na sociedade a partir dos estereótipos, o que contribui para a formação da identidade do indivíduo, considerando que essa conjuntura é desenvolvida através das concepções que uns têm dos outros, ou seja, a opinião acerca do indivíduo contribui para a formação de sua identidade.

O vídeo continua com o humorista dizendo que o mundo é dividido em preto e branco, mostrando casos em que a cor preta é atribuída a coisas ruins, exemplificando com Darth Vader (personagem dos filmes de *Star Wars*), que escolheu o lado preto para fazer maldade e diz que a cor branca é atribuída a coisas boas, dando o exemplo da pomba branca, que simboliza a paz. Dando continuidade ao *show*, ao fazer uma piada com uma pessoa da plateia, o comediante diz que entende porque Hitler começou a ser racista “*É bom, não dá pra parar. Eu comecei a ser com ele e não quis parar mais.*”, refletindo porque o racismo é tão banal em nossa sociedade, tendo em vista que as pessoas se divertem com esse tipo de atitude. Ao final do vídeo, o artista foi aplaudido e ovacionado pela plateia. Conforme Fonseca (2012), o riso da piada implica que o indivíduo que está rindo se sente superior ao sujeito que é motivo da piada, evidenciando a distância identitária entre essas duas pessoas. O riso manifesta o preconceito para com o grupo que está sendo ridicularizado. Vale ressaltar que este grupo não faz parte da sociedade hegemônica. No riso, ficam evidenciados os discursos preconceituosos e os atos de

racismo cotidianos, algo que se tornou comum, por isso, é tão normal rir de piadas que menosprezam classes já segregadas.

A próxima análise, do vídeo “Polícia e Racismo”, mostra os estereótipos atribuídos aos negros e como a polícia reage diante de um indivíduo ou um grupo de negros. Nos casos contados pelo artista, essas pessoas sofrem com a discriminação tanto pela sociedade, quanto pela polícia, pois em consonância com o próprio humorista, esse órgão de segurança aborda o negro como se fosse bandido. Já com as pessoas brancas, mesmo fazendo as mesmas ações que o negro, a polícia age indiferente. O comediante norte-americano Dave Chappelle também é negro e retrata o cotidiano, em que muitas vezes o negro sofre preconceito. Ele também é ator, produtor, roteirista e é conhecido por seus papéis em filmes e shows de *stand up*. O vídeo apresentado a seguir tem mais de 100 mil visualizações, pertence ao canal “CervejaChoca”, foi publicado em 22 de março de 2011 e traz a temática da relação entre a polícia e os negros.

Figura 2 - Vídeo “Polícia e Racismo”



Fonte: <https://www.youtube.com>

No *stand up*, o humorista diz que vê um grupo de rapazes negros andando pelas ruas e completa dizendo que não são rapazes negros normais, na verdade, “criminosos”. Esse discurso reverbera o preconceito que há com os negros em nossa sociedade, em que as pessoas têm medo até mesmo de passar por perto, pois têm uma opinião formada de que se eles estão andando em grupos é porque vão cometer ou já cometeram algum crime. O comediante continua a piada dizendo que de um até três brancos fazem parte desses grupos e esses, por sua vez, são

considerados os mais perigosos, pois conseguiram o respeito dos negros, e também porque são eles que vão ter que falar com a polícia caso algo dê errado. Visualizando esse discurso, compreendemos que há uma divisão de classes na sociedade, na qual algumas vezes negros andam com negros e brancos andam com brancos, além de expor a discriminação por parte da polícia, em que o grupo formado por negros precisa ter uma pessoa branca para poder ter um bom diálogo com o policial. Essa divisão de grupos, para Souza (2007), acontece porque os estereótipos afetam nossos atos, fazendo com que o indivíduo seja direcionado a uma determinada classe, na qual é formada por pessoas que têm as mesmas características, sendo decisivo na construção da identidade.

O artista diz que os negros têm muito medo da polícia, faz parte da cultura e não importa se é rico ou velho, vão ter medo de qualquer jeito e têm toda a razão para isso. Esse discurso reflete a concepção de Fiorin (1990), de que é necessário entender o discurso como objeto cultural que é determinado pela história, em que os textos são construídos a partir de referências a outros textos. É fato que os negros sofrem com discriminação por parte da população, assim como da polícia, pois, muitas vezes, são vistos como criminosos e são tratados mal, em que o preconceito fica em evidência.

Dave Chappelle pergunta a uma mulher branca da plateia o que a polícia diz quando para na rua e pergunta se eles pedem os documentos e a carteira de motorista, e diz que não é a mesma coisa que acontece com os negros, pois são abordados de forma ignorante e preconceituosa. É evidente a diferença que há em relação a negros e brancos, pois os estereótipos do negro sobrepõem a realidade e então o preconceito é estabelecido. Gregolin (1995) diz que o discurso é materializado de acordo com sua ideologia, sendo assim, percebe-se que por trás dos discursos preconceituosos existem concepções que incriminam o negro. Esses discursos fazem parte de um processo histórico e são resultados de ideologias, que para entendê-los é essencial estudar a história e a linguística ao mesmo tempo.

Dando continuidade ao *show*, o humorista continua dizendo que tem medo da polícia e exemplifica mais um caso, que ao parar no sinal vermelho e a polícia parar ao lado, ele sente medo, mesmo isso não parecendo ser muita coisa para uma pessoa branca, ele vai continuar sentindo medo. Ele diz “*não olhe para o lado, crioulo*”, termo usado, muitas vezes, de forma pejorativa para menosprezar o negro. Em consonância com Pinto e Ferreira (2014), essa forma de se referir à identidade

mostra como as pessoas classificam os sujeitos conforme os seus aspectos raciais, em que acontece um reducionismo nas características dos indivíduos, levando em conta somente a cor da pele e categorizando-os como negros ou brancos.

Os estereótipos de que os negros são criminosos, bandidos, sem cultura e pobres, são umas das denominações que levam a sociedade a ser racista. As piadas, por sua vez, podem ser um gatilho para discernir o preconceito já existente. Grande parte das piadas que são contadas nos vídeos faz parte da nossa realidade e do dia-a-dia de qualquer negro que pode ser vítima de racismo e desse tipo de humor repleto de estereótipos que menosprezam sua identidade. Sendo assim, a sociedade é conduzida a ter receios com pessoas de pele escura, o que acontece em detrimento de piadas, de atitudes preconceituosas ou de frases estereotipadas, pois através de conceitos superficiais, o indivíduo cresce em meio a ideologias racistas, desenvolvendo o preconceito e a discriminação. As piadas trazem identidades estereotipadas, pois esse tipo de humor faz referências a discursos que a sociedade já conhece, facilitando o entendimento e o riso das pessoas. (POSSENTI, 2010).

O vídeo seguinte, do humorista Dave Chappelle, “Racismo”, no canal “CervejaChoca”, também mostra como a polícia atua com uma pessoa de pele escura e como os estereótipos são presentes no cotidiano desses indivíduos. É fato que o negro é discriminado e menosprezado. Esse tipo de humor traz a realidade vivida por esses sujeitos de uma forma cômica e real, mas que ao mesmo tempo pode ser mais um ato de racismo, pois o próprio humorista, além de apresentar a realidade, também faz piadas que podem ser consideradas racistas.

O próximo vídeo analisado foi publicado em 22 de março de 2011 tem quase 50 mil visualizações e traz um humor sagaz.

Figura 3– Vídeo “Racismo”



Fonte: <https://www.youtube.com>

Dave Chapelle inicia o *show* dizendo que negros e brancos não brigam muito e diz que os asiáticos não arrumam briga com ninguém, somente com eles mesmos, em que se chamar um coreano de chinês, o mesmo fica bravo. Então ele explica que é porque os coreanos e chineses se parecem por ter o olho pequeno e diz *“Tem gente que diz que os negros parecem todos iguais. Nós não ficamos bravos. Normalmente nós chamamos essas pessoas de polícia”*. Esse discurso exprime, mais uma vez, a discriminação que é feita por parte dos policiais para com os negros, em que, para eles, todos os sujeitos de pele escura são bandidos, pois esse estereótipo é estabelecido em nossa sociedade e é comum esse tipo de ação. Os estereótipos são alicerces para o desenvolvimento do preconceito e da discriminação. A discriminação acontece em meio a situações nas quais há uma desigualdade na abordagem às pessoas que são classificadas como diferentes das outras, como por exemplo, em relação à cor de pele. Pereira (2002 *apud* SOUZA, 2007).

O comediante prossegue dizendo *“Aprenda a viver com isso. É tudo que eu posso te dizer”*. Essa frase reflete a realidade do negro, em que ele tem que aceitar conviver com o racismo e discriminações. Em conformidade com Pinto e Ferreira (2014), o racismo sempre esteve presente em nossa sociedade e mesmo depois de tanto tempo, ainda é corrente em nosso cotidiano. Sendo assim, desde os antepassados o negro tem que aceitar humilhações e preconceito, o que ainda acontece nos dias atuais. O humorista Dave Chapelle diz que tem medo da polícia e

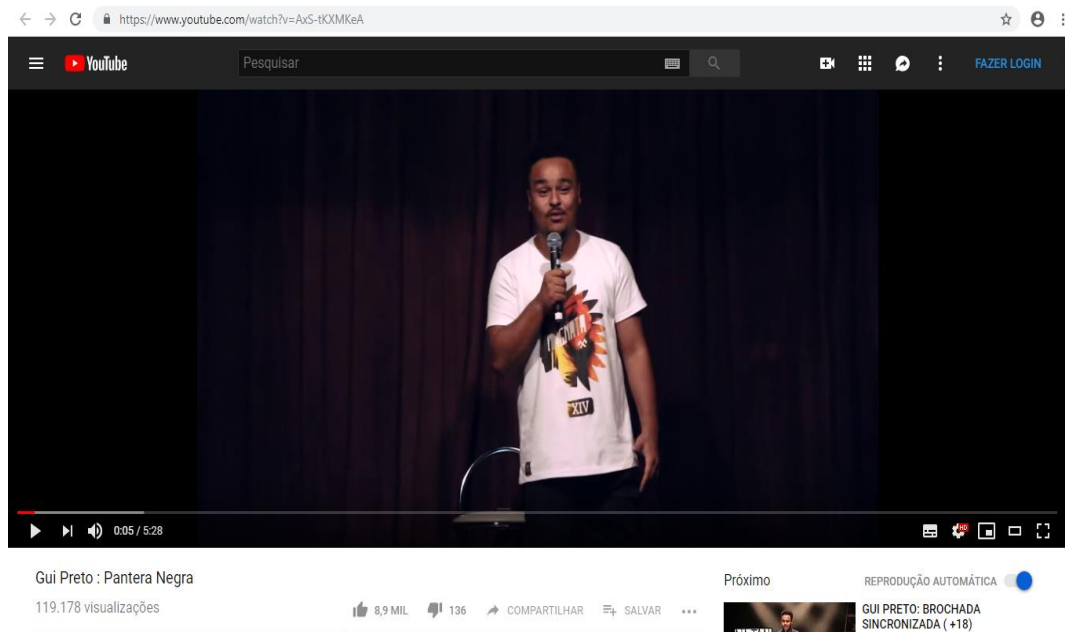
que tem um rádio que sempre escuta antes de sair de casa para ter certeza que está tudo bem, relata que escuta “*Fiquem alertas para um homem negro entre 1,40m e 2,02m*” e desiste de sair de casa. Essas características repassadas entre os policiais mostram que qualquer negro pode ser um criminoso e que todos são suspeitos de cometer um crime. Dave Chappelle traz em seus *shows* a realidade, pois os estereótipos que são dados aos negros refletem as ideologias e as atitudes da sociedade. Esse tipo de humor desmascara o racismo existente e a verdadeira face do preconceito e apesar do tom humorístico, fica escancarado como o negro é discriminado até hoje. Sendo assim, percebemos duas vertentes para o humor: a realidade perpassada através de piadas e a piada sendo usada como disfarce para disseminar preconceito.

O tópico seguinte aborda o preconceito de uma forma diferente, na qual a descrição feita pelo humorista Gui Preto do filme “Pantera Negra” aponta que os negros são quem praticam racismo com os brancos, mas que mesmo assim, os discursos revelam as desconformidades em relação aos indivíduos negros.

2.2 O racismo reverso em ação: uma análise do filme “Pantera Negra”

O vídeo seguinte “Pantera Negra”, do canal “Gui Preto”, traz uma análise do comediante sobre o filme “Pantera Negra”, que descreve casos que normalmente acontecem com negros, mas que no filme esses hábitos mudam de cor. Os brancos passam por situações que normalmente são vividas por pessoas de pele escura, além de adquirir os estereótipos atribuídos ao negro. As piadas contadas pelo humorista refletem os discursos racistas da sociedade que muitas vezes passam despercebidos e assim, esses tipos de comentários se tornam comuns e normais. O vídeo tem aproximadamente 120 mil visualizações e foi publicado em 13 de março de 2018.

Figura 4 – Vídeo “Pantera Negra”



Fonte: <https://www.youtube.com>

O vídeo já inicia com o comediante Gui Preto dizendo que a atual fase é a melhor para ser negro e é o melhor momento da vida dos negros, pois o filme Pantera Negra foi lançado e bateu um bilhão em bilheterias. Isto é, de fato, uma vitória para a classe negra que até pouco tempo não tinha espaço nos cinemas, tendo em vista que a grande maioria dos super-heróis é branca. O artista diz que *“95% do elenco é só de negão, os outros 5% são brancos que entraram pelo sistema de cotas”*. Esse discurso mostra que normalmente acontece ao contrário, pois em filmes de super-heróis existe uma pequena quantidade de negros atuando e traz um fator social que é o sistema de cotas, que facilita o acesso de negros em instituições, fazendo um paralelo com o acesso ao elenco do filme.

Para muitos, o sistema de cotas para negros é um ato de racismo, pois implica que os mesmos não têm capacidade para ingressar em uma universidade, por exemplo. Por outro lado, muitas pessoas concordam, com o discurso de que o país tem uma grande dívida com os negros devido ao período de escravidão. Tendo em vista a época da escravatura, Pinto e Ferreira (2014) dizem que desde a sua abolição e até mesmo de antes, de quando o Brasil foi colonizado existe o preconceito racial, que hoje, esses atos são mascarados por leis e pela sociedade que usa de vários atributos para disfarçar a verdade de que há uma grande desigualdade e, que esta, é encoberta pelas políticas sociais.

Dando continuidade ao *show*, Gui Preto diz que *Wankanda*¹ é um lugar incrível, pois lá tem negros que são médicos, dentistas e os mendigos são brancos. Essa fala apresenta a realidade da dificuldade que o negro tem de se formar em cursos superiores, em que a grande maioria dos universitários são brancos, como também deixa implícito que na vida real os mendigos são negros, trazendo um discurso racista e preconceituoso.

Gui Preto diz que no filme o vilão é branco e “*ele que rouba os bagulhos*”, deixando em evidência o racismo reverso no filme, o que deixa transparecido no *show* de que na realidade a verdade é outra. A apresentação continua e o humorista diz que no filme, os personagens estão conversando e dizem “*olha lá, tinha que ser branco, só faz merda*”, frase racista corriqueira usada contra os negros para dizerem que eles só fazem coisas erradas. Gui Preto diz que o branco vai ao mercado e outro branco começa a segui-lo para ver se vai roubar, dando a entender que normalmente acontece ao contrário. Essas ações revelam que, segundo Fernandes (2007), o discurso é formado por ideologias e exteriorizado pela linguagem. Sendo assim, percebe-se que os discursos já mencionados sobre o negro são construídos por ideologias históricas que perpetuam até os dias de hoje. Através desses enunciados, a sociedade fortalece o preconceito e gera discriminação, como o ato de seguir o negro para ver se vai roubar, sendo resultado dos discursos racistas e dos estereótipos criados para o negro.

Gui Preto fala sobre festas fantasias, que os negros não se sentiam representados, pois não tinham um super-herói negro que os representasse, mas que Pantera Negra abriu caminhos. O comediante pergunta na plateia a alguns personagens negros se eles conhecem a Lanterna Verde, descrito como um personagem que antes era branco, mas que depois criaram um negro, só que não durou nem dois meses porque “*os caras falaram: eu não sei a procedência desse anel, não sei como que é*”. O artista faz uma observação sobre os nomes dos super-heróis negros, que alguns destacam a palavra “negro” ou “negra”, como Raio Negro e Pantera Negra, diferentemente dos super-heróis brancos que possuem apenas o nome do personagem, sem enfatizar a sua cor de pele, como por exemplo, o personagem “Thor. Em consonância com Pinto e Ferreira (2014), a construção de uma identidade negra é dificultada justamente porque esta é tratada como uma

¹ País fictício comandado por Pantera Negra.

deformidade e mantém-se em exclusão. Sendo assim, a falta de representatividade de super-heróis negros faz com que as identidades baseadas na negritude sejam prejudicadas, levando em conta que todos buscam desenvolver uma identidade branca, pois esta é julgada como superior.

Tendo em vista os vídeos analisados e as discussões acerca destes, o próximo tópico irá mostrar a reação dos internautas a partir dos comentários exibidos na plataforma.

2.3 Humor e preconceito: divergências de opiniões

A ferramenta de comentários em vídeos do *YouTube* permite que o internauta possa manifestar suas opiniões e divergir entre elas, mas para isso, o proprietário do vídeo precisa deixar os comentários ativados, para que assim os internautas possam interagir a partir das opções de marcar o vídeo e as publicações dos internautas como “gostei”, “não gostei” e responder a outras pessoas. O internauta também pode editar ou excluir seus próprios comentários².

Nos comentários do primeiro vídeo analisado, “Sobre Racismo”, do canal “Gui Preto”, percebe-se que grande parte do público aprecia piadas com teor racista, em que muitos riram e até reproduziram frases ditas pelo humorista, como mostra nos comentários abaixo:

² Verificar:

<https://support.google.com/youtube/answer/6000964?co=GENIE.Platform%3DDesktop&hl=pt-BR>

Figura 5 – Comentários no vídeo “Sobre Racismo”

← → ↻ <https://www.youtube.com/watch?v=zh1Kf--8cbY>

☰ YouTube Pesquisar

10 meses atrás
Tadinho do meu marido vc e Dii gostaram de zuar ele rrsrs LUIZ Fernando rrsrs Amei Gui... vc eh fera!! Continue, nao desista do seu sonho!!
👍 244 🗑️ RESPONDER
Ver 2 respostas ▾

8 meses atrás
De volta pra minha África KKKKKKKKKK
👍 49 🗑️ RESPONDER

8 meses atrás
“É coisa de preto, né.”
Waack, William. Kkkkkkk o cara é bom
👍 164 🗑️ RESPONDER
Ver 7 respostas ▾

8 meses atrás
60% tão preso e os outros 40% estão aguardando julgamento
KKKKKKKKKK
👍 68 🗑️ RESPONDER

8 meses atrás
60%da população negra está preso nas cadeias, os outros 40% estão aguardando julgamento" kkkkkkkkkkk morri
👍 21 🗑️ RESPONDER
Ver resposta ▾

Fonte: <https://www.youtube.com>

O riso das piadas contadas no vídeo são resultados de ironia e ridicularização, que pode ser de quem está contando ou sobre o que está sendo falado, como aponta Cícero (1966 *apud* PAGLIOSA, 2005). Para que isso ocorra, é necessário que a ambiguidade, o jogo de palavras e a ironia prevaleçam na piada. Ao fazer uma comparação com os “defeitos” dos outros ou até mesmo com seus próprios em tempos remotos, o ser humano se sente superior e, assim, resulta o riso. Os comentários refletem o que Dahia (2008) ressalta ao dizer que o tom humorístico é usado como uma escapatória para com as relações raciais, no qual torna a prática de discriminação aceita pela sociedade. Para o autor, é através do humor que o indivíduo demonstra o seu racismo oculto.

Esses comentários refletem que grande parte do público aceita que o humor seja usado como palco para perpassar, de forma engraçada, o racismo que o negro sofre diariamente, em que é discriminado por causa da cor de sua pele. Os estereótipos observados nos vídeos ao longo da pesquisa nos faz refletir sobre

como o humor pode influenciar nas práticas racistas, pois a partir de frases mesmo que engraçadas, nota-se que o racismo é eminente e escancarado em nossa sociedade. Muitos comediantes usam o humor para falar sobre o cotidiano dos negros, mostrando a realidade vivida por essas pessoas, mas, isso também pode ser visto como uma forma de discernir racismo, pois as piadas são repletas de frases que firmam ainda mais os estereótipos atribuídos ao negro, instigando ao preconceito.

Ao contrário destes, os próximos comentários mostram pessoas que dizem que só é engraçado porque é um negro que está contando, porque se fosse um branco não seria aceitável. Esse fato mostra que para muitas pessoas, apenas o negro tem a propriedade para falar sobre piadas racistas e até mesmo praticar racismo, pois a cor de sua pele lhe dá essa autoridade.

Figuras 6 – Comentários que refletem a autoridade do negro para fazer piada racista

← → ↻ 🔒 <https://www.youtube.com/watch?v=zh1Kf--8cbY>

☰ YouTube

Comentário 1: [Redacted] 8 meses atrás
 Honestamente, eu queria ver se fosse um branco fazendo esse tipo de piada e todo mundo levar na boa também. Olha q foda o cara... porra Gui, mandou benzasso. É tudo na brincadeira, na esportiva, sem ofensa... que bom seria se todos pudessemos fazer piada um com o outro mantendo o respeito nesse nível sem ficar de mimimi por isso ou por aquilo. Viva a diversidade e vamos fazer piada com essa porra toda! hahahaha sucesso mano!
 👍 120 🗨️ RESPONDER

Comentário 2: [Redacted] 4 meses atrás
 Claro que não iria ser levado do mesmo modo..... Se é um branco falando de uma cor a qual n lhe pertence, claro q o povo vai montar em cima.
 👍 17 🗨️ RESPONDER

Comentário 3: [Redacted] 4 meses atrás
 [Redacted] Neh mano
 👍 1 🗨️ RESPONDER

Comentário 4: [Redacted] 3 meses atrás
 Texto e contexto. Zuar o lado desfavorecido é baixo em qualquer época..
 👍 16 🗨️ RESPONDER

Comentário 5: [Redacted] 3 meses atrás
 Mas isso não é só piada!
 👍 10 🗨️ RESPONDER

Fonte: <https://www.youtube.com>

O racismo e os estereótipos evidenciam as diferenças dos seres humanos fazendo com que haja discórdia entre grupos de negros e brancos. (FONSECA, 2014). Sendo assim, a partir dos comentários e em consonância com os autores,

nota-se que a população aceita que apenas os negros façam piadas sobre si mesmo, pois se forem os brancos que as façam, os diferentes grupos entram em desavenças. Isto retrata o que Pagliosa (2005) diz sobre o riso, o qual pode ser irônico, provocante, mas que em contrapartida também pode ser amigável. Desta forma, mediante os comentários, percebe-se que os negros veem o riso dos brancos como uma falta de respeito e um ato de ironia. Por outro lado, sendo o negro proveniente do riso, não há problemas, pois o mesmo é aceito, revelando que esse indivíduo tem autoridade para fazer piadas consigo mesmo.

Os comentários a seguir, do vídeo “Pantera Negra”, do canal “Gui Preto”, obteve uma quantidade significativa de comentários que renderam boas discussões a respeito do racismo contido nas piadas, da história do negro e observações sobre os super-heróis negros, além de comentários que aprovam o trabalho do artista. Vejamos a seguir os debates que giraram em torno do racismo e escravidão no Brasil:

Figura 7 - Comentários sobre racismo no vídeo “Pantera Negra”

1 mês atrás

Se o racismo fosse forte jamais um branco iria criar um super heroi negro. Hoje em dia a pena é a mesma se alguém agredir um negro ou um branco ou matar qualquer um deles. So quem tenta separar como se tivesse racismo forte é a midia e a esquerda. 99% das pessoas se virem alguém espancando um negro ou um branco sem motivo algum e pudesse reagir iria reagir . Essa mentalidade de querer separar classe é ridiculo e isso nao ajudar em nada , o maximo que pode fazer é criar o que praticamente nao existe no mundo . O unico lugar que o racismo voltou de novo so que de forma reversa foi africa do sul que agora o partido comunista de mandela esta matando fazendeiros brancos so porque sao brancos , ja que mandela nunca foi um cara que lutou contra o racismo e sim ele matava ate negro para chegar ao poder

Mostrar menos

RESPONDER

2 semanas atrás (editado)

Meu parceiro... A escravidão não começou com os negros, existia há muitos tempos antes de Cristo, saca? E era um lance político, que com o tempo foi abolido. Mas o fato não é esse e esse fato não reflete racismo. Os negros não escravizavam os negros por eles serem negros, eles escravizavam porque pertenciam a tribos inimigas que foram dominadas. Entende? E então vendiam para os europeus. Mas AQUI, no Brasil e em outras colônias, a gente sim fomos escravizados por causa da nossa cor... Entende a desigualdade e o racismo? Por causa disso deu as treta daquela época de classificar os negros como inumanos e talz... Analisando o pressuposto, percebe-se que esse argumento seu é completamente nulo

Mostrar menos

2 RESPONDER

Fonte: <https://www.youtube.com>

Nota-se a divergência de opiniões a respeito da escravidão de negros no Brasil, em que os internautas remetem à história para defender seus pontos de vista sobre o racismo na atualidade. Em relação aos comentários acima, para explicar como o racismo teve início, Pinto e Ferreira (2014) dizem que o preconceito racial

existe desde a colonização do Brasil, o que permanece até hoje. A ideologia de que o negro é inferior ao branco vem de teorias europeias, em que o grupo étnico é desqualificado devido à cor da pele. Os autores ressaltam que para entender o conjunto de questões da pessoa negra, como ela é estabelecida no mundo, como é formada sua autoestima e autoimagem, é necessário entender sobre identidade e, que esta, apresenta-se em constante mudança. Para entender como o racismo atua, Campos (2017) diz que é necessário compreender que ideologias, práticas e estruturas são associadas. Para explicar isso, o autor elenca as seguintes abordagens: as características modernas que o racismo está assumindo, os problemas em relação a sua definição, os estudos do conhecimento de raça e os problemas encontrados na luta antirracismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde muito tempo os negros sofrem preconceito, são discriminados e em razão da cor de suas peles foram escravizados e subjugados pelos brancos. Apesar de essas atitudes serem proibidas por leis, até hoje, após décadas da abolição da escravidão, essas práticas ainda estão presentes na sociedade, em que atos racistas são refletidos no cotidiano. Muitas vezes, essas situações passam despercebidas em discursos humorísticos, através de piadas que refletem os estereótipos do negro, fazendo com que esses enunciados sejam propagados e se tornem corriqueiros. Através das mídias, esses discursos são repassados em uma escala cada vez maior, pois a facilidade de comunicação que se tem hoje em dia faz com que qualquer assunto seja propagado de forma rápida, alcançando grande parte da sociedade.

Diante disto, procuramos desenvolver uma análise descritiva e interpretativa acerca dos discursos racistas que são perpassados através dos discursos humorísticos. Para tanto, tivemos como objetivo investigar o discurso racista perpassado através do humor por comediantes em vídeos do *YouTube* e mostrar a reação do público através dos comentários. Desta forma, entendemos que pesquisar acerca deste tema consiste em uma necessidade no contexto atual, visto que os discursos transmitidos geram um encadeamento de enunciados e situações preconceituosas, o que tem grandes implicações na formação de identidades e estereótipos quanto ao negro. Neste contexto, destacamos os discursos perpassados e propagados por comediantes nas mídias, especificamente no *YouTube*.

No que se refere aos discursos racistas perpassados através de discursos humorísticos, dada a necessidade de estudar a conexão entre tais discursos, destacando as implicações na formação de identidades e estereótipos, a partir da transmissão de situações e piadas racistas, é importante ressaltar que por meio desta pesquisa conseguimos identificar que mesmo sendo repassados em *show's* de comédia, os discursos carregam consigo uma variedade de enunciados que discrimina o negro, o que reflete as ideologias e concepções pertinentes na sociedade.

Além disso, identificamos que os internautas reagem de maneiras diferentes quanto às piadas contadas nos *show's*. Nos comentários dos vídeos no *YouTube*, o

público diverge quanto ao que é engraçado e o que não é, revelando suas ideologias acerca do tema. Ademais, é importante ressaltar que os dois artistas apresentados nos vídeos, Gui Preto e Dave Chapelle são negros, o que influencia nas opiniões acerca das piadas.

Isto posto, consideramos que os estereótipos e as ideologias racistas são repassados através dos discursos humorísticos, pois entre as piadas os enunciados ganham grandes proporções, fazendo com que o preconceito se estabeleça, tendo em vista que os discursos são propagados de acordo com as ideologias. Desta forma, acreditamos que as piadas além de contarem situações cotidianas para provocar o riso, também provocam e estabelecem o racismo, de maneira explícita ou implícita, com ou sem a intenção dos humoristas.

Além do mais, esses discursos não se dão de forma isolada e sem apoio por parte da sociedade, pois os discursos preconceituosos só existem porque a população carrega consigo ideologias e práticas racistas. Os humoristas encontram, no cotidiano, situações nas quais eles mesmos são vítimas de racismo e procuram passar isso em seus *show's* de uma forma engraçada. Essa prática reflete e perpassa os estereótipos estabelecidos na sociedade, fazendo com que as ideologias racistas sejam cada vez mais propagadas.

Diante destas exposições, podemos perceber o quanto é necessário atentarmos para as questões dos estereótipos entrelaçados no humor e a propagação do preconceito fazendo com que o negro seja discriminado, tendo em vista que as mídias são de grande valia para a disseminação de discursos repletos de enunciados racistas perpassados através do humor. Desse modo, com base nos dados descritos e analisados, consideramos que esta pesquisa concebeu uma fonte primordial e conveniente para o processo de formação acadêmica e profissional do sujeito pesquisador, possibilitando uma criticidade e reflexão em relação a humor e racismo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa Do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

CAMPOS, Luiz Augusto. **Racismo em três dimensões**: uma abordagem realística-crítica. **Rbcs**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 95, p.1-19, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n95/0102-6909-rbcsoc-3295072017.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

DAHIA, Sandra Leal de Melo. **A mediação do riso na expressão e consolidação do racismo no Brasil**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 23, p.629-720, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v23n3/a07v23n3.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. Editora: Claraluz, 2007.

FIORIN, José Luiz. Tendências da Análise do Discurso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 19, p.173-179, dez. 1990. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636834/4555>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FONSECA, Dagoberto José. **Você conhece aquela?**: a piada, o riso e o racismo a brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2012. 143 p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=frXzb08ZVNAC&oi=fnd&pg=PA1&dq=racismo+piada+&ots=DzOiFsnb73&sig=f3SejbbZEjiKrNZFjYuy3xdkGgg#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 244 p. Luiz Felipe Baeta Neves. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/pensarcomveyne/arquivos/FOUCAULT.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

FREITAS, Riva Sobrado de; CASTRO, Matheus Felipe de. **Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio**: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão. Seqüência: Estudos Jurídicos e Políticos, [s.l.], v. 34, n. 66, p.327-355, 23 jul. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2177-7055.2013v34n66p327>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/seq/n66/14.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

GREGOLIN, Maria do RosarioValencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, São Paulo, v. 1, n. 39, p.13-21, 1995. Disponível em: <[file:///G:/Donwload/3967-9688-1-SM%20\(3\).pdf](file:///G:/Donwload/3967-9688-1-SM%20(3).pdf)>. Acesso em: 14 out. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p. Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro.

MANDELA, Nelson. **Longa Caminhada Até a Liberdade: a Autobiografia**. Curitiba, Pr : Nossa Cultura, 2012. Tradução de Paulo Roberto Maciel Santos.

MELLO, Yuri; GREGOLIN, Maria do Rosario de Fatima Valencise. **Youtube: práticas discursivas e identitárias no ciberespaço**. Mídia e Discurso na Amazônia, v. 1, n. 1, p. 80-92, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/124895>>.

ORLANDI, Enio P. **Análise do Discurso**. Editora Pontes, 2002.

PAGLIOSA, Elcemina Lúcia Balvedi. **Humor: um estudo sociolingüístico cognitivo da charge**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2005. 176 p.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. **Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra**, 2014.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. 182 p.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul: Universidade Feevale, 2013. 277 p. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>> Acesso em: 02 nov. 2018.

SOUZA, Helga Vanessa Assunção de. **A Charge Virtual e a Construção de Identidades**. 2007. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7750/1/arquivo7462_1.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2018.

SOUZA, Márcio Vieira de; GIGLIO, Kamil. **Mídias digitais, redes sociais e educação em rede: experiências na pesquisa e extensão universitária** [livro eletrônico]. - São Paulo: Blucher, 2015.

PÁGINAS ACESSADAS

DAVE Chappelle (Legendado BR) - Polícia & Racismo. S.i: Cervejachoca, 2011. (5:49 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cDr0c9O6luQ>>. Acesso em: 12 out. 2018.

DAVE Chappelle (Legendado BR) - Racismo. S.i: Cervejachoca, 2011. (5:33 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9GqbM7SRqm8>>. Acesso em: 12 out. 2018.
GUI Preto: Pantera Negra. S.i: Gui Preto, 2018. (5:28 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AxS-tKXMKeA>>. Acesso em: 12 out. 2018.

GUI Preto: Sobre Racismo. S.i: Gui Preto, 2017. (11:23 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zh1Kf--8cbY>>. Acesso em: 12 out. 2018.
SIGNIFICADO de Youtube: O que é Youtube:. 2014. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/youtube/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

GUI Preto: Sobre Racismo. S.i: Gui Preto, 2017. (11:23 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zh1Kf--8cbY>>. Acesso em: 12 out. 2018.

SIGNIFICADO de Youtube: O que é Youtube:. 2014. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/youtube/>>. Acesso em: 14 nov. 2018.